



O determinismo biotipológico e sua rede de sustentação (1920-1945)¹

LUIS ANTONIO COELHO FERLA*

Introdução

A chamada biotipologia humana e sua derivada, a biotipologia criminal, foram ciências que se desenvolveram no período do entreguerras e que a sua maneira buscavam o conhecimento completo da personalidade de cada indivíduo, a partir de relações entre o corpo e o comportamento. Além de caracterizar seu conteúdo, o objetivo deste estudo é mapear a circulação destas doutrinas e identificar a rede de personagens e instituições científicas que as mobilizaram e lhes forneceram consequência social. Sob a direção do médico endocrinologista Nicolas Pende, a biotipologia ganhou difusão na Itália e fora dela, com destaque para a rede que acabou se consolidando com países de “cultura latina”, particularmente Espanha, Argentina e Brasil, recorte espacial da presente análise.

Essas ciências, na verdade, constituíam expressões particularizadas de um conjunto mais amplo de disciplinas, práticas e representações, todas voltadas ao estudo e ao controle do corpo humano na busca da estabilização social. No período do entreguerras, diversos biodeterminismos encontraram reconhecimento e difusão, produzindo impactos na realidade e legando continuidades históricas.

Os determinismos biológicos no entreguerras

Tentar compreender – e conseqüentemente controlar – o comportamento humano é utopia recorrente na história. Após a era iluminista, que libertou os homens dos desígnios divinos, novos determinismos vieram substituir aqueles.² Por um lado, a maneira como a vida

¹ O presente texto é uma versão traduzida e adaptada do artigo “El determinismo biotipológico y su red de sustentación a través de eugenistas españoles, brasileños y argentinos”, publicado como capítulo da obra Marisa Miranda; Gustavo Vallejo. (Org.). *Una historia de la eugenesia: Argentina y las redes biopolíticas internacionales (1912-1945)*. 1ed. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2012.

* Doutor em História pela Universidade de São Paulo e Professor de História Contemporânea da Universidade Federal de São Paulo. Agência financiadora: Agencia Nacional de Promoción Científica y Tecnológica (Argentina).

² Sobre isso, ver ROUANET, 2003.

2

coletiva se organizava passava a fornecer o arcabouço para explicar as atitudes e os pensamentos dos indivíduos, configurando os polissêmicos determinismos sociais que vicejaram no século XIX, como o marxismo, o liberalismo e o positivismo comtiano. Por outro, desenvolvia-se uma tradição concorrente que concebia o corpo humano como o centro de gravidade da etiologia comportamental, caracterizando os diversos determinismos biológicos que se difundiram desde então e que condicionaram grande parte da história dos dois últimos séculos, vindo das primeiras experiências frenológicas do início da contemporaneidade, até as recentes promessas fáusticas da decodificação do genoma humano, ao redor da última virada de século.³ No meio do caminho, sob o influxo dos darwinismos sociais, desenvolveram-se os diversos racismos científicos, as eugenias estatais e a antropologia criminal, possibilitando novas legitimações de velhas hierarquias sociais e étnicas.

Do embate entre os determinismos sociais e os determinismos biológicos, que em todo momento de alguma maneira foram conviventes, a resultante histórica acabou por produzir um movimento pendular entre os dois extremos, com hegemonias alternadas entre as duas grandes tradições. O período que ora nos interessa assistiu a uma sobrevalorização das chamadas “ciências da vida”, o que por sua vez tornou cada vez menos nítidas as fronteiras entre a política e a biologia. O holocausto perpetrado pelos nazistas é sem dúvida a expressão mais emblemática desse fenômeno, mas está longe de ser o único ou de dar conta de todas as complexidades doutrinárias, empíricas e institucionais envolvidas.

Uma das novas ciências que surgiram no período do entre-guerras e que acabou fazendo parte central do arcabouço biodeterminista foi a chamada biotipologia humana. Seu principal propositor, dirigente doutrinário e articulador institucional foi o médico genovês Nicolas Pende (1880-1970). Em 1921, aparecia um artigo seu intitulado “Endocrinologia e Psicologia” e, dois anos depois, a obra “A aplicação da endocrinologia aos estudos dos criminosos – a Escola Positiva”.⁴ Pende passou a associar desvios de comportamento com perturbações endócrinas, afirmando, por exemplo, que “os hipertireoidianos-hipersupra-

³ Sobre isso ver LEITE, 2007.

⁴ PENDE, Nicolas (1921). “Endocrinologia e Psicologia”. En *Di quaterni di Psichiatria*, Gênova, t. III; e PENDE, Nicolas (1923). *Le Applicazioni dell'Endocrinologia allo Studio dei Criminali - La Scuola positiva*, Milão. Apud: DARMON, 1991: 298.

3

renalianos seriam majoritários entre os delinquentes violentos e impulsivos, os hiperpituitários entre os assassinos frios e cínicos” (DARMON, 1991: 273).

Essencialmente, se tratava de uma continuidade aprimorada das teses de seu compatriota Cesar Lombroso, considerado o criador da antropologia criminal, que perseguia na morfologia do corpo humano os estigmas identificadores de seres desviantes ou potencialmente desviantes.⁵ Mais do que isso, as ideias de Pende acabaram por fornecer uma sobrevida às teses lombrosianas, já há muito consideradas precárias cientificamente, ao pretender associar a forma do corpo ao equilíbrio humoral, por sua vez concebido como condicionador decisivo do funcionamento do pensamento e da vontade. Segundo Pende, “(...) os hormônios das glândulas endócrinas, da mesma forma que influem sobre a constituição e sobre a forma harmônica do corpo, tomam também parte essencial na constituição e na forma do espírito” (PENDE, 1934:3).⁶

Dessa maneira, e por via da endocrinologia – sua especialidade –, Pende fornecia a ponte entre o comportamento de um indivíduo e a forma de seu corpo. Os hormônios literalmente faziam a mediação entre a esfera psíquica e a morfológica, e junto com a base representada pelo patrimônio hereditário, estruturavam a chamada *Pirâmide de Pende*. Não foram poucos os seus seguidores que explicitamente se congratularam com a recuperação de Lombroso, dessa maneira transformado de autor de quimeras grosseiras em gênio antecipador dos progressos da ciência.⁷ Dito de outro modo, o acervo teórico da endocrinologia permitia uma *conciliação possível* entre antropometria e psiquiatria, dentro do discurso da então chamada biotipologia constitucionalista, que procurava propor um paradigma abrangente, extensivo e integrador.

Portanto, as disfunções endócrinas a um só tempo poderiam ser denunciadas por desarmonias morfológicas e denunciar desvios comportamentais. Quando procurava

⁵ A antropologia criminal condicionou a Escola Positiva de direito penal, também chamada de italiana, moderna ou científica, que surgiu e se difundiu nas últimas décadas do século XIX. A escola se caracterizava por um discurso médico-científico que patologizava o ato anti-social. Para uma abordagem de Lombroso e a Escola Positiva de criminologia, ver PESET e PESET, 1975. Para o percurso da antropologia criminal no Brasil a partir de Nina Rodrigues e de seus seguidores, ver CORRÊA, 1998 e FERLA, 2009. Para um exercício comparativo sobre a mesma temática na Argentina, consultar HUERTAS, 1991 e CAIMARI, 2004; ou, para conhecer a história da influência dessas idéias no ambiente jurídico brasileiro, ver ALVAREZ, 2003.

⁶ Tradução livre do original em espanhol.

⁷ Sobre isso, ver FERLA, 2009: 201-3.

4

exemplificar, e assim dar concretude a tais biodeterminismos radicais, é que Pende parecia trazer de volta as mais clássicas formulações lombrosianas:

O desenvolvimento exagerado do esqueleto e da cara, especialmente dos zigomas e da mandíbula; a exagerada longitude, quase simiesca, das articulações superiores; a grossura enorme das mãos e dos pés; o cútis, espesso e untuoso; quiçá também a hiper ou a hipotalgesia cutânea, notas que freqüentemente se acham em certas categorias de delinqüentes, são todas elas ‘notas somáticas’, próprias dos sujeitos que têm uma hiperfunção congênita ou adquirida da glândula pituitária, cuja relação com as funções psíquicas, e mais ainda com os poderes inibitórios e com o desenvolvimento do sentido moral, havemos exposto brevemente (PENDE, 1934:8)⁸

Na Argentina, o grupo liderado por Arturo Rossi, diretor do Instituto de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social, e dileto discípulo de Pende, replicava esse gênero de determinismo humoral. Assim que os assassinos “sanguinários congênitos”, conforme classificação de Pende, seriam em regra afetados por “hiperpituitarismo anterior, freqüentemente associado a hipopituitarismo posterior; além de hipogenitalismo e hipersuprarrenalismo” (BOSCH; ROSSI; RODRIGUEZ, 1934:14).⁹ O hábito morfológico que lhes seria característico seria “megalosplânico e hipervegetativo, brevilineo”. Já os “ladrões e os estafadores” possuiriam uma fórmula endócrina associada a “hipopituitarismo, distiroidismo e hipertimismo”, o que corresponderia a uma morfologia “microsplânica, hipovegetativa e longilínea” (idem).¹⁰

Leonídio Ribeiro, professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e diretor do Instituto de Identificação e de seu laboratório de Antropologia Criminal, e Waldemar Berardinelli, seu colega nessas instituições, faziam medicina nessa direção no Brasil.¹¹ No trabalho que apresentaram conjuntamente no 1º Congresso Latinoamericano de Criminologia, realizado em Buenos Aires em julho de 1938, os autores afirmavam que os hiperpituitários teriam “estatura fora do normal, desproporcionados, mãos, pés, cabeça e mandíbula exageradamente desenvolvidos, tórax largo e curto, membros compridos, pele seborréica, com cicatrizes de acné na face e no dorso” (RIBEIRO; BERARDINELLI, 1938:530). Tal

⁸ Tradução livre do original em espanhol.

⁹ Tradução livre do original em espanhol.

¹⁰ Tradução livre do original em espanhol.

¹¹ Ambos reivindicavam a filiação à “Escola biotipológica de Rocha Vaz”, catedrático de Clínica Médica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

5

constituição corresponderia a um temperamento pouco emotivo e egoísta, com “tendências sexuais moderadas” e aversão “às preocupações abstratas e sintéticas”.¹²

A partir de um núcleo doutrinário derivado de formulações do gênero, e essa é uma hipótese central deste estudo, Pende logrou articular uma ampla rede de discípulos e aliados, para além de Gênova e da Itália e para muito além de seus núcleos institucionais de atuação, compreendendo desde autoridades governamentais¹³ e personalidades do mundo jurídico, a autoproclamados adeptos da Escola Italiana de vários outros países, da Europa e fora dela. Na perspectiva do sociólogo da ciência Bruno Latour:

O problema do construtor de ‘fatos’ é o mesmo do construtor de ‘objetos’: como convencer outras pessoas, como controlar o comportamento delas, como reunir recursos suficientes num único lugar, como conseguir que a alegação ou o objeto se disseminem no tempo e no espaço. Em ambos os casos, são os outros que têm o poder de transformar a alegação ou o objeto num todo duradouro (LATOUR, 2000: 217).

A tática embutida aqui é a da busca da imprescindibilidade social (LATOUR, 2000:197). Em outras palavras, da consolidação da rede de aliados: “A congregação de aliados desordenados e não-confiáveis vai, pois, sendo transformada lentamente em alguma coisa muito parecida com um todo organizado” (LATOUR, 2000:216).

As estratégias para a construção de uma tal rede passavam, dentre outras coisas, pela circulação de palavras escritas em veículos legitimados e legitimadores, como revistas especializadas, anais de congressos e conferências e livros de autores reconhecidos. Os artigos dos líderes doutrinários da biotipologia, e de seus principais aliados, circularam intensamente pelas principais revistas da área. O próprio Nicolas Pende freqüentava com assiduidade tanto as páginas dos Anales de Biotipologia, Eugenesia e Medicina Social, dirigidos por Arturo Rossi, quanto as dos Arquivos de Medicina Legal e Identificação, cujo diretor era Leonídio Ribeiro. Mas por meio de tais revistas, também brasileiros e argentinos intercambiavam seus textos, sempre reverenciando a filiação à escola biotipológica e a suas teses centrais. Um levantamento da “permuta” de prefácios e de resenhas que os principais autores faziam entre suas obras pode fornecer, da mesma maneira, um mapa da circulação das idéias e da prática

¹² Idem.

¹³ Sobre a atuação política de Pende e sua proximidade com os círculos fascistas do poder, ver VALLEJO, 2004.

6

das mútuas legitimações: Pende escreveu o prólogo da edição italiana de *Evolución de la sexualidad*, de Gregorio Marañón, o principal difusor daquele na Espanha, que o retribuiu devidamente fazendo o mesmo com a primeira edição espanhola da obra *Endocrinología*, do médico italiano. (MARAÑÓN, 1975:165-7). Leonídio Ribeiro também contou com a boa vontade de Marañón, que prefaciou o seu *Homossexualidade e endocrinologia* (MARAÑÓN, 1975:169-178). Rossi, por sua vez, foi contemplado com um texto de Pende na apresentação de seu livro “Il diabete, patogenesi e terapia moderna”, prefácio devidamente reproduzido na revista sob sua direção (LA SECRETARÍA DE REDACCIÓN, 1934:2-3).

Outra maneira de consolidar os laços e arregimentar as solidariedades se dava por meio das viagens. Arturo Rossi e Waldemar Berardinelli (ROSSI, 1937:20), por exemplo, realizaram visitas demoradas ao paradigmático Instituto de Biotipologia, dirigido e criado por Pende nas colinas de Gênova.¹⁴ O primeiro deles, e como derivação da sua experiência na Itália, quando do seu retorno criou a Asociación Argentina de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social (VALLEJO, 2004:234). Mas antes de tudo isso, foi o próprio Pende que visitara a Argentina, onde proferiu um curso de aprofundamento em endocrinologia (idem). Já Berardinelli visitava com relativa freqüência o país vizinho, como por exemplo quando da inauguração da “Academia Americana de Endocrinología y Biotipología”, ocasião em que proferiu uma conferência acerca da biotipologia criminal, no início de 1938 (“EL Dr. Berardinelli entre nosotros”, 1938:4). Por outro lado, seu colega e conterrâneo, Leonídio Ribeiro, desembarcava em Turim em janeiro de 1935, para receber o Prêmio Lombroso referente ao ano de 1933 (CARRARA, 1935:V-VIII), a concessão do qual não deixava de ser em si mesma outra forma de fornecer legitimidades e estreitar relações. Por fim, ainda que sempre a título de exemplificação, devem ser mencionados os périplos que Gregorio Marañón realizou pela América Latina em 1927 e novamente dez anos depois, e que se tornaram acontecimentos para muito além do circuito científico atinente.¹⁵

¹⁴ Sobre essa instituição, ver VALLEJO, 2004.

¹⁵ Algumas das conferências realizadas se encontram reproduzidas em MARAÑÓN, 1972. Sobre a repercussão da viagem de Marañón a Argentina e ao Uruguai, consultar ROSSI, 1937a; e N. DE R., 1937; sobre sua passagem pelo Brasil, ver DO O GLOBO, 1938. Várias das viagens de intercâmbio entre Brasil e Argentina receberam cobertura dos veículos especializados: sobre a visita de Gonzalo Bosch, vice-presidente da Asociación Argentina de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social ao Rio de Janeiro, ver ROSSI, 1934; e, no mesmo número, a matéria “Cómo juzgó la prensa de Río de Janeiro la misión que llevó el Dr. Gonzalo Bosch,

Portanto, como já se intui, no que se refere à internacionalização da rede científica-institucional construída por meio da biotipologia, o estudo realizado permitiu identificar uma clara priorização de laços e intercâmbios entre a Itália, a Espanha, a Argentina e o Brasil. Que fosse assim também correspondia às próprias ideias eugênicas de Pende, voltadas a um conceito de “raça latina, responsável pelas maiores realizações culturais da humanidade” e subordinada a uma incontestável liderança italiana. Em um texto seu publicado na Argentina, o pai da biotipologia assim sintetizava suas ideias sobre o tema e vaticinava:

A história então e a biotipologia das raças nos demonstram qual será o verdadeiro destino dos povos circum-mediterrâneos: aquele de reconstruir a unidade espiritual latina-mediterrânea, desde uma e outra desembocadura do grande mar, unidade mediterrânea que deve fazer resplandecer de uma luz novamente potente aquela primeira grande e polidrica civilização que do Mediterrâneo oriental através de Grécia e Roma e de nosso Renascimento tem esclarecido em todos os tempos com seus grandes princípios verdadeiramente humanos, vale dizer éticos, o caminho da humanidade (PENDE, 1935: 4).¹⁶

No entanto, a própria circulação das ideias em questão por esse universo as transformava algum tanto, por conta de deslocamentos não apenas de seus conteúdos e de suas ênfases, mas também dos seus “pontos de aplicação”. As teses pendianas da biotipologia humana recepcionadas na América Latina muitas vezes eram submetidas no meio do caminho ao influxo de sua manipulação por Gregorio Marañón, na Espanha, principalmente no que elas poderiam ser úteis na compreensão da gênese das “perversões sexuais” e na sua relação com o combate ao crime e ao ato antissocial.

Sexo, gênero e endocrinologia

Na Espanha, Marañón não apenas introduziu os ensinamentos biotipológicos de Pende, como foi o seu principal divulgador.¹⁷ O médico espanhol é um dos principais autores da

a la nación hermana”, p. 5 a 10; sobre a viagem de Gerbert Perissé, biotipólogo e companheiro de trabalho de Berardinelli no Rio de Janeiro, a Buenos Aires, ver LA DIRECCIÓN, 1934.

¹⁶ Tradução livre do original em espanhol.

¹⁷ Marañón foi um dos nomes mais destacados da medicina espanhola do século XX, com uma produção intelectual de monta, e não apenas no campo médico, sobressaindo-se suas reflexões sobre história e literatura. Seu reconhecimento ultrapassou as fronteiras da Espanha. Particularmente o intercâmbio que manteve com seus pares latinoamericanos foi intenso e profícuo (ÁLVAREZ, s.d:1.).

8

“teoria da intersexualidade”, que sob sua interpretação trazia mobilizados os ensinamentos de Pende para a compreensão e tratamento dos desvios e perversões sexuais, consideradas assim as manifestações paradigmáticas da anormalidade endócrina. Foi a partir das teses de Marañón que a endocrinologia criminal proposta por Pende ganhou alguma imprescindibilidade científica e dessa forma maior presença cotidiana na busca da normalização social desde as instâncias médico-policiais do Estado.

O principal trabalho de Marañón utilizado pelos médicos interessados no tema da biotipologia era *La evolución de la sexualidad y los estados intersexuales*, publicado em 1930 (MARAÑÓN, 1930). Na verdade, trata-se de uma segunda edição de *Los estados intersexuales en la especie humana*, de 1929 (MARAÑÓN, 1929). A definição dos chamados caracteres funcionais ali utilizada expressa claramente a atribuição de papéis sociais aos sexos que fazia Marañón. Como propriedades eminentemente femininas, estariam o instinto de maternidade e o cuidado direto da prole, a maior sensibilidade aos estímulos afetivos e menor disposição para o trabalho abstrato e criativo, menor aptidão para a impulsão motora ativa e para a resistência passiva, e voz de timbre agudo. Além de se caracterizar pelo oposto dessas propriedades, a “masculinidade”, por sua vez, poderia ser medida pela maior presença do instinto de atuação social, como expressão da “defesa do lar”. Várias questões culturais e ligadas ao comportamento resultavam assim determinadas pelo balanço hormonal. Portanto, se a maternidade seria a função *sexual* por excelência da mulher, o trabalho o seria para o homem (MARAÑÓN, 1929:56, grifo do autor). Consolidava-se, assim, enquanto formulação de fundo médico-biológico uma infinidade de clichês acerca da diferença entre os sexos, como a associação da racionalidade e da atitude ativa com o homem e da emoção e passividade com a mulher.¹⁸

Essas interpretações endocrinológicas dos papéis arquetípicos atribuídos aos gêneros não eram idiossincráticas dentro da escola biotipológica. Pende chamava a tireóide de “glândula da emoção”, e da “hiperfuncionalidade tireóide” feminina se poderia concluir que “nada é mais certo, desde o ponto de vista fisiológico, que o ditado ‘o homem pensa, a mulher sente’” (PENDE, 1934:4).¹⁹ As secreções das glândulas sexuais ajudariam a reforçar tais diferenciações, conferindo ao homem “escassa emotividade, domínio de si mesmo,

¹⁸ Marañón chega a considerar a mulher uma “irmã menor do homem” (MARAÑÓN, 1929:234).

¹⁹ Tradução livre do original em espanhol.

9

estabilidade psíquica, maior firmeza de inteligência, fazendo-o mais adaptável ao pensamento abstrato y mais independente. A mulher deve principalmente a esta substância de origem sexual suas virtudes de ternura, de piedade, de abnegação, de doçura” (PENDE, 1934:6).²⁰

Por conta de tais condicionamentos hormonais, o pensamento criador e o gênio artístico só poderiam ser características masculinas. Que algumas mulheres se tenham notabilizado nesses territórios a elas exóticos não constituía para Pende grande perturbação teórica: “É muito interessante o fato de que apresentavam atributos masculinos muitas das escassas mulheres de gênio com que conta a história” (idem).²¹

Para além da explicação da maior capacidade de ternura das mulheres, o balanço hormonal feminino justificava que, via de regra, sobre elas houvesse maior necessidade de vigilância. Isso porque a sua emotividade poderia implicar a falta de controle sobre o comportamento, e desvios de conduta e mesmo o crime poderiam ser o resultado. As secreções “exageradas e improvisadas da glândula tireóidea” poderiam provocar “emoções violentas de medo, de terror ou de cólera” (PENDE, 1934:4).²² E se o balanço endócrino feminino já seria por si mesmo causa de preocupação, mais ainda seriam as fases biológicas da vida da mulher que produziam natural e violentamente novos desequilíbrios hormonais. Desde a Argentina, Rossi e seus colegas refletiam assim sobre o tema: “Nas mulheres delinquentes e nas prostitutas agressivas, costumam coincidir alguns atos puníveis com verdadeiras crises de ordem fisiológica, e que se referem sobretudo à puberdade, à menstruação, à gravidez e ao climatério (BOSCH; ROSSI; RODRIGUEZ, 1934:13).²³

O descontrole emocional também caracterizaria os povos meridionais, e a explicação persistia biotipológica. Por essa via, Pende nos remete de volta a Marañón, sem deixar de fazer mais um exercício de aproximação entre corpo e espírito:

Nos países meridionais, sobretudo ao largo das costas, por exemplo, nas de Sicília e singularmente nas de Espanha, segundo a opinião do endocrinólogo de Madrid, meu amigo Marañón, é muito freqüente entre a população o tipo hipertiroideo, quer dizer, o tipo delgado, ágil de corpo e de mente, de pelos e sobrancelhas hirsutas, de ótima dentadura, de inteligência e sexualidade precoce, de grande emotividade e

²⁰ Tradução livre do original em espanhol.

²¹ Tradução livre do original em espanhol.

²² Tradução livre do original em espanhol.

²³ Tradução livre do original em espanhol.

impulsividade, de inquietude motriz e cerebral; tipo meridional, que no que respeita ao delito, se caracteriza (...) pela tendência aos delitos passionais, impulsivos e sexuais, de forma bárbara, violenta, primitiva (PENDE, 1934:8).²⁴

No Brasil, o grande difusor de Marañón foi Leonídio Ribeiro. Em 1938, o médico carioca publicava “Homossexualismo e endocrinologia”, livro prefaciado pelo próprio Marañón, como referido acima. Enquanto diretor da Revista Arquivos de Medicina Legal e Identificação, favoreceu ali o aparecimento recorrente de artigos do médico espanhol. Seu local de trabalho, dentro de um laboratório científico a serviço da polícia, permitiu-lhe “estudar” uma grande quantidade de delinqüentes, incluindo não poucos homossexuais, ou assim considerados. Em 1933, como já informado, foi agraciado com o Prêmio Lombroso, concedido pela Academia Real de Medicina Italiana, pela apresentação de um relatório de suas pesquisas científicas desenvolvidas no referido laboratório. Suas investigações, ali relatadas, tratavam de patologias da impressão digital, dos tipos sangüíneos dos índios guaranis, dos biotipos criminais afro-brasileiros e das relações entre a homossexualidade masculina e o mau funcionamento endócrino (LOMBROSO-FERRERO; ROMANESE; CARRARA, 1934:VII- IX).²⁵ Para este último tema, Ribeiro realizou estudos em 195 homossexuais que foram colocados a sua disposição pelos cárceres da polícia do Rio de Janeiro. Esse estudo, de alguma forma, se tornou um padrão para outros legistas dedicados ao tema.²⁶

Dessa forma, a acolhida que a medicina legal e a criminologia deram às idéias de Marañón acerca do tema da sexualidade permitiu o enriquecimento do repertório e do acervo teórico para a tarefa de identificação e enquadramento do indivíduo “anormal”.

Conclusão

O otimismo epistemológico dos biodeterminismos conferia ousadia aos seus projetos médico-sociais. A reiterada crença na possibilidade do “conhecimento completo da

²⁴ Tradução livre do original em espanhol.

²⁵ Sobre isso, ver também GREEN, 1999:130.

²⁶ Para conhecer a atuação de Ribeiro em processo judicial de grande repercussão na época, onde a homossexualidade do acusado teve papel central, ver FRY, 1982:65-80.

11

personalidade humana” estimulava uma postura colonizadora sobre o conjunto da sociedade. A possibilidade de identificar em cada indivíduo não apenas suas debilidades e tendências antissociais, como também seus pendores e potencialidades profissionais, estimulava a reivindicação da extensão do direito de examinar, no limite reclamando o corpo social inteiro. Na escola ou na fábrica, na prisão ou no quartel, os biodeterministas visavam principalmente identificar os corpos suspeitos, predispostos ao crime ou ao acidente de trabalho, à prostituição ou ao homossexualismo, de forma a submetê-los a diferentes níveis e modalidades de segregação e de tratamento.

O caráter extensivo e utópico de um tal projeto jamais lhe permitiu que se realizasse plenamente. As disputas paradigmáticas com outras tradições doutrinárias, nos âmbitos da medicina, do direito ou da sociologia, impediam o mínimo de consenso social para a implementação generalizada de tais empreendimentos. Outras formas de produzir a verdade ainda subsistiam e demonstravam a força de sua tradição secular, como a violência policial no âmbito do combate ao crime. Particularmente a postura de boa parte do mundo jurídico representou significativa oposição aos projetos biodeterministas. Mesmo no interior da chamada “ciência constitucionalista biotipológica”, a tentativa de compor as diversas disciplinas médicas na construção de um corpus doutrinário efetivo e a conseqüente indefinição hierárquica entre elas acabavam por dar lugar a uma intensa disputa doutrinária, o que os recorrentes embates entre antropometristas, endocrinólogos e psiquiatras podem ilustrar didaticamente.

Tais limitações e obstáculos ajudam a compreender uma das estratégias fundamentais adotadas pelos positivistas no período abordado: a busca da construção de uma rede extensiva de aliados. A arregimentação de parceiros e a construção da rede de solidariedades que foram aqui analisadas, além das questões atinentes à própria constituição de comunidades científicas, teve o sentido de otimizar as correlações de força e facilitar a superação das resistências e oposições aos ousados projetos sociais dos positivistas. A circulação de textos e de pessoas e as articulações institucionais analisadas permitiram o intercâmbio de legitimidades, o aprimoramento doutrinário e o conseqüente aumento da capacidade de intervenção social dos envolvidos. O objetivo deste texto foi demonstrar que a densidade de tal rede se fez particularmente intensa entre os núcleos da Itália, da Espanha, da Argentina e

12

do Brasil, principalmente no que se referia aos determinismos biológicos associados à endocrinologia e à biotipologia humana que Nicolas Pende liderou.

A aplicação competente dessa estratégia ajuda a compreender que o programa positivista, se ficou longe de cumprir suas promessas utópicas, acabou por ter alguma consequência social e condicionar a existência de muitas vidas humanas, dentre “homossexuais, prostitutas, delinquentes anormais ou menores problemáticos”. Tampouco o redesenho institucional que os Estados promoviam à época ficou isento do impacto daquelas idéias, como demonstram os diversos códigos penais então aprovados, que se não assumiram nenhum “positivismo radical”, emprestaram grande parte de suas propostas, como a generalização das medidas de segurança e dos manicômios judiciários, por exemplo.

No que diz respeito ao imaginário social, o legado dos determinismos biológicos do entreguerras pode ser considerado bem mais difundido no tempo e no espaço. Por exemplo, a patologização do homossexualismo só foi abandonada pela Organização Mundial da Saúde nos anos noventa do século passado, o que não impede a sua sobrevivência até os dias atuais em muitos outros âmbitos.²⁷ Também a associação das crianças e adolescentes que vivem nas ruas das grandes cidades do mundo com a predisposição inata ao crime e à violência tem grande parte de seu enraizamento nas idéias e no período aqui analisados. Por fim, o término do século passado e o início do atual têm vivenciado o renascimento da eugenia, agora não mais dirigida pelo Estado, mas condicionada pelo mercado, no retorno da busca do aprimoramento genético da descendência.

Não é difícil concluir que apenas uma abordagem que incorpore o conhecimento histórico pode fazer com que tais fenômenos sejam compreendidos em todas as suas significações, ao conferir-lhes raízes mais profundas no tempo e maior visibilidade de suas implicações na vida social.

Bibliografia

²⁷ Apenas em 1992 a Organização Mundial da Saúde suprimiria o diagnóstico de homossexualidade da Classificação Internacional de Enfermidades.

13

“EL Dr. Berardinelli entre nosotros” . En: *Anales de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, n. 77, Buenos Aires, 1938, p. 4.

ALVAREZ, Marcos . *Bacharéis, criminologistas e juristas: saber jurídico e nova escola penal no Brasil*. São Paulo: Método, 2003.

ÁLVAREZ, Raquel P . “Marañón y el pensamiento eugénico español”, p. 1, mimeo.

BOSCH, Gonzalo; ROSSI, Arturo; RODRIGUEZ, Mercedes . “Biotipologia Criminal: el problema constitucional en los cultores del delito y de la prostitución”. En: *Anales de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, n. 30, Buenos Aires, 1934, pp. 10-14.

CAIMARI, Lila . *Apenas un delincuente: crimen, castigo y cultura en la Argentina, 1890-1955*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.

CARRARA, Mario . “Entrega do Premio Lombroso de 1933: Discurso do Prof. Mario Carrara”. En: *Arquivos de Medicina Legal e Identificação*, n. 11, Rio de Janeiro, 1935, pp. V-VIII.

CORRÊA, Mariza . *As Ilusões da Liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: EdUSF, 1938.

DARMON, Pierre . *Médicos e assassinos na “Belle Époque”*: a medicalização do crime. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

DO O GLOBO . “Um cientista hespanhol em visita ao Brasil”. *Arquivos de Medicina Legal e Identificação*, n. 15, Rio de Janeiro, 1938, p. 221.

FERLA, Luis . *Feios, sujos e malvados sob medida: a utopia do biodeterminismo*. São Paulo: Alameda/FAPESP, 2009.

FRY, Peter . “Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei”. In: VOGT, Carlos et al. *Caminhos Cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

GREEN, James . *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, São Paulo: Editora UNESP, 1999.

HUERTAS, Rafael . *El delincuente y su patologia: medicina, crimen y sociedad en el positivismo argentino*, Madrid: CSIC, 1991.

14

LA DIRECCIÓN . “Dr. Gerbert Perissé, su regreso al Brasil”. En: *Anales de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, n. 31, Buenos Aires, 1934, p. 11.

LA SECRETARÍA DE REDACCIÓN . “Ha sido objeto de una honrosa distinción en Italia, nuestro Director General, Dr. Arturo Rossi”. En: *Anales de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, n. 25, Buenos Aires, 1934, pp. 2-3.

LATOURE, Bruno . *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

LEITE, Marcelo . *Promessas do genoma*. São Paulo: UNESP, 2007.

LOMBROSO-FERRERO, Gina; ROMANESE, Ruggero; CARRARA, Mario . “O Prêmio Lombroso de 1933: relatório da comissão julgadora”, in: *Arquivos de Medicina Legal e Identificação*, n. 9, Rio de Janeiro, 1934, pp. VII- IX.

MARAÑÓN, G. , *Los estados intersexuales en la especie humana*, Madrid, Javier Morata, 1929.

MARAÑÓN, G. , *La evolución de la sexualidad y los estados intersexuales*, Madrid, Javier Morata, 1930.

MARAÑÓN, Gregorio . *Obras completas*. Tomo III: Conferências. Madrid: Espasa-Calpe, 1972.

MARAÑÓN, Gregorio . *Obras completas*. Tomo I: Prólogos. Madrid: Espasa-Calpe, 1975.

MIRANDA, Marisa; VALLEJO, Gustavo. (Org.) . *Una historia de la eugenesia: Argentina y las redes biopolíticas internacionales (1912-1945)*. 1ed. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2012.

N. DE R. . “Despedida al Doctor Gregorio Marañón”. En: *Anales de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, n. 71, Buenos Aires, 1937, p. 5.

PENDE, Nicolas . “Endocrinología y Psicología”. En: *Anales de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, n. 24, Buenos Aires, 1934, pp. 3-9.

PENDE, Nicolas . “Biología de las razas y unidad espiritual mediterránea”. En: *Anales de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, n. 41, Buenos Aires, 1935, pp. 2-4.

PESET, Jose Luis; PESET, Mariano . *Lombroso y la Escuela Positivista italiana*. Madrid: CSIC, 1975.

15

RIBEIRO, Leonidio; BERARDINELLI, Waldemar . “Biotipologia criminal”. En: *Arquivos de Medicina Legal e Identificação*, n. 16, Rio de Janeiro, 1938, pp. 528-534.

ROSSI, Arturo . “La embajada cultural del Dr. Gonzalo Bosch”. En: *Anales de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, n. 28, Buenos Aires, 1934, p. 2.

ROSSI, Arturo . “Tratado de Biotipología del Dr. Waldemar Berardinelli” En: *Anales de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, n. 70, Buenos Aires, 1937.

ROSSI, Arturo . “Profesor Gregorio Marañón”. En: *Anales de Biotipología, Eugenesia y Medicina Social*, n. 70, Buenos Aires, 1937a, p. 5.

ROUANET, Sérgio Paulo . “O homem-máquina hoje”. In: NOVAES, Adauto (org.). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Cia das Letras, 2003, p. 37-64.

VALLEJO, Gustavo . “El ojo del poder en el espacio del saber: los institutos de biotipología”. En: *Asclepio*, v. 56, n. 1, Madrid, 2004, pp. 219-244.